

O “eu” no Twitter – a autobiografia no microblog¹

Carla Cardoso Silva²

João Cândido Ventura Neto³

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

A cada dia aumenta o número de pessoas que utilizam o ciberespaço para registrar suas reflexões íntimas e cotidianas em formas de diários virtuais, por meio de blogs e microblogs. Um destes microblogs, o Twitter, vem alcançando um número cada vez maior de adeptos em todo o mundo e se consolidando como um espaço onde é possível identificar essas escritas. Este artigo tem como proposta identificar, debater e verificar como as características do meio ajudam na construção dessas escrituras.

Palavras-chave

Twitter; escritas íntimas; microblogs; redes sociais; autobiografia.

Introdução

Nos anos de 1988 e 1997, pesquisas realizadas pelo Ministério de Cultura da França mostraram que mais de três milhões de pessoas recorrem às escritas do cotidiano para acompanhar suas vidas em diferentes tipos de diários⁴. Se antes os diaristas anotavam suas reflexões e seus cotidianos em cadernos, atualmente são os blogs os espaços reservados – também – para essas escritas reflexivas e intimistas.

Passados 12 anos desse resultado, constata-se que esta premissa, atualmente mais do que nunca, é real no ciberespaço, em específico, no microblog Twitter⁵, que vem alcançando um número cada vez maior de adeptos no mundo.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Entretenimento, práticas socioculturais e subjetividade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestranda do curso de Cognição e Linguagem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) – carlac@uenf.br.

³ Mestrando do curso de Comunicação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) - joaosucubu@gmail.com.

⁴ Dados obtidos em ‘O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet’, de Philippe Lejeune, p.257.

⁵ www.twitter.com

Mas qual é a principal motivação para que uma pessoa deixe os cadernos de anotações, onde escrevia os diários para si próprio, para tecer as mesmas divagações íntimas, agora num espaço democrático, onde o acesso e a visibilidade são possibilitados a todos que utilizem a Grande Rede?

De acordo com a famosa premissa de Marshall McLuhan, onde o meio é a mensagem, o suporte utilizado para a construção de conteúdo acabaria por alterar o mesmo. Assim, a passagem das escritas íntimas das folhas de papel dos diários para o interior das páginas da internet, traria, naturalmente, além de mudanças no suporte e distribuição, mudanças também na construção dessa escrita.

O presente artigo visa lançar considerações sobre a prática da escrita do eu no ambiente do Twitter. Além dos aspectos da escrita em si, foram analisadas as contribuições materiais do meio para a construção desta escrita e do espaço em que ela acontece. A análise foi feita a partir de levantamento bibliográfico sobre o tema e a observação das postagens no próprio espaço do microblog.

As Escritas Autobiográficas

As ‘escritas’ autobiográficas (o eu e o meu entorno narrados por mim) fazem parte da história e, de certa forma, registram a realidade da humanidade (desde as pinturas rupestres que, encontradas em diversas partes do mundo, constituem também, por si só, testemunho da transformação social humana). Este costume de se exprimir graficamente é uma manifestação do sistema de comunicação social, tornando-se, portanto, uma representação de certos aspectos cotidianos selecionados (já que a escrita não é capaz de absorver ‘todos’ os fatos memorísticos, devido falhas de memórias, por exemplo), portadora de uma mensagem com significados a serem compreendidos no contexto social na qual foi formulada.

Através dos registros, portanto, é possível adquirir uma existência. Sob a ótica do pesquisador francês Philippe Lejeune, a constituição do ‘eu’ se dá na linguagem, pois fora dela não há, sequer, existência. As escritas autobiográficas, íntimas, tornaram-se alvo de estudos do pesquisador francês há 30 anos aproximadamente, num processo atual e sempre em evolução. Ao pontuar as características dos diários, com suas escritas íntimas e autobiográficas, a ótica do pesquisador é utilizada como bússola neste artigo.

Mas para dar continuidade a este pensamento, é necessário identificar em que se consiste esta autobiografia, esta escrita íntima.

Autobiografia e diário – Phelippe Lejeune

Segundo Lejeune, existe um pacto autobiográfico, firmado entre escritor e leitor. Este pacto proposto baseia-se na credibilidade, por parte do leitor, de que autor, narrador e protagonista da história contada são a mesma pessoa.

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, auto-retrato, auto-ensaio), (LEJEUNE, 2008 p.24).

Lejeune conceitua autobiografia como “a narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”, (p.71). E acrescenta: “a autobiografia não pode ser simplesmente uma agradável narrativa de lembranças contadas com talento: ela deve manifestar um *sentido*, obedecendo às exigências freqüentemente contraditórias de fidelidade e coerência”, (p.71).

Essas escritas são os fios condutores dos diários que, segundo Lejeune, são escrituras cotidianas: “uma *série de vestígios datados*”, (Ibidem, p.259). São espaços onde a pessoa que escreve, anota suas impressões e reflexões, tendo como base a data da escritura. O pesquisador evidencia, neste caso, a importância da autenticidade do momento e seria “uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo”, (ibidem, p.261).

Lejeune aponta ainda que os diários mantêm diversas utilidades, que são listadas em sua obra: conservar a memória (somos nossos próprios destinatários); sobreviver (mantemos os textos para fixar o tempo passado); desabafar (o espaço é um confidente); conhecer-se (um espaço para a construção de nossa imagem); deliberar (fazemos um balanço do hoje, para poder agir de forma diferente amanhã); resistir (lugar para obter coragem e apoio); pensar (um método de trabalho) e escrever (podemos escrever sem ter preocupações ou medo de cometer erros), (Ibidem, pp.261-164).

Segundo afirma Lejeune, “ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida. O texto que se confia assim ao papel é um vestígio dessa conduta”, (LEJEUNE, 2008, p.261). Na sociedade tecnológica em

que vivemos, ousamos acrescentar à afirmação lejeuniana: os textos que identificamos nas Redes Sociais, através dos blogs, e em específico do Twitter, são vestígios dessa conduta.

Entre outras diferenças entre autobiografia e diário, Lejeune aponta o fato de a autobiografia estar “virtualmente concluída desde o começo”, (p.272), ao ponto que o diário mantém uma leitura programada com um começo demarcado (com a data, por exemplo), mas não haver uma meditação de um encerramento, já que seu autor não pode imaginar qual será a última página escrita.

O texto “fragmentado” do diário é resultado de uma escrita definida como gênero pessoal de Lejeune que afirma que, no texto autobiográfico, o melhor é não olhar o passado. “Há um abismo entre o diário tal qual é escrito e o diário tal qual é lido (por outro, ou até, depois, por si mesmo)”, (p.285).

E essa é uma característica surpreendente do diário que o opõe a todos os outros textos: nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade. “Vocês nunca vão saber realmente o que o texto do meu diário significa para mim”. (p.299).

No entanto, já no período experimental de sair dos cadernos e criar diários na web, o pesquisador afirma a necessidade de ser lido por outrem. “... muitas vezes, é essa a idéia inicial do diário na Internet. “Compartilhar”, interagir, expressar; palavras bonitas que escondem uma mesma idéia: a necessidade de ser lido, conhecido, apreciado”, (p.339).

Redes Sociais – Espaço dos ‘Eus’

Essa necessidade de ser lido por outros parece ter casado perfeitamente com o que Castells (2003) definiu como o novo modelo organizacional da chamada Era da Informação: a rede. Segundo o autor, a rede, que tem por base tecnológica a Internet, é um conjunto de nós interconectados, cujo modelo de organização permite a conexão de muitos com muitos, num dado momento escolhido, em escala global. Esse modelo de organização serviu ainda para moldar o novo modelo de sociabilidade dentro dessa sociedade: as chamadas redes sociais.

Um exemplo dessas redes sociais são as chamadas comunidades virtuais. Para utilizar a definição de Raquel Recuero (2001), comunidades virtuais são um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais através da Comunicação Mediada por Computador

(CMC)⁶. Essas relações são construídas por interações mútuas e reativas⁷, de acordo com a classificação de Primo. Outras características das comunidades são a utilização dos *virtual settlements*, ‘lugar’ onde os membros da comunidade se associam (Jones, 1998, apud Recuero, 2003), a permanência, ou seja, o tempo de frequência dos membros de uma comunidade no espaço, o pertencimento, que é o sentido de ligação entre os frequentadores da comunidade (Palácios apud Recuero 2003) e a moral da reciprocidade (Lévy, 1999), onde os participantes sentem a necessidade de expressar seus conhecimentos quando se deparam com algum acontecimento ou a formulação de questionamentos.

Essa última característica, particularmente, é importante para situarmos a construção da escrita do eu dentro desses espaços virtuais. Se, como já visto em Castells, as redes permitem esse modelo de escrita de muitos para muitos, a própria escrita, bem como sua apreensão por uma multiplicidade de receptores, se configura como um espelho, onde a própria resposta, na forma também de escrita, dos membros da comunidade, se torna o combustível para alimentar o fluxo de informações dentro desses ambientes.

O Twitter

Mistura de blog e celular, o Twitter é um microblog. Utilizando a classificação da pesquisadora Gabriela Zago:

Microblogs podem ser considerados como espécies de “blogs simplificados”, na medida em que possuem os recursos inerentes ao formato blog (como publicação de conteúdo em ordem cronológica inversa, e as demais características dos blogs), mas de forma simplificada. A principal diferença diz respeito ao fato de que as atualizações possuem limitações de tamanho, como no caso da ferramenta Twitter, na qual cada atualização não pode ultrapassar o limite máximo de 140 caracteres (que é também o tamanho máximo permitido em uma mensagem de celular). (ZAGO, 2008 p.3)

Outra característica citada pela autora é o fato de que, além da internet, os microblogs podem ser atualizados também a partir de ferramentas como o telefone celular (através de

⁶ A CMC, também conhecida como comunicação eletrônica, é a comunicação realizada entre duas ou mais pessoas, e realizada ante a utilização de tecnologias computacionais e redes telemáticas que possibilitam a comunicação entre esses participantes. Essa forma de comunicação surgiu em meados dos anos 70 do século XX e tem como sua mais famosa representante a internet, surgida inicialmente para comunicação em ambientes militares.

⁷ Conforme visto em PRIMO, Alex F. T. Interação mútua e interação reativa. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2007.

SMS⁸ ou web móvel). A mensagem, no entanto, não vai para apenas uma pessoa, como no celular, mas para todos os “seguidores”, ou seja, as pessoas que acompanham o cotidiano do emissor da mensagem – sejam elas do seu convívio social, ou desconhecidas. Quem se cadastrar no espaço vai ficar informado de todos os passos do twitteiro⁹.

A proposta inicial de construção das mensagens colocada pelo site era a resposta a pergunta “*What are you doing?*” (O que você está fazendo?), presente na página inicial do site. Nela, os participantes, através dos 140 caracteres já mencionados, tentam responder a essa pergunta a cada um dos seus seguidores que, voluntariamente, recebem todos os *posts* do autor. No lado direito da página inicial de cada usuário, pode ser encontrada uma lista com cada um dos outros usuários que ele segue.

Além das postagens mais pessoais, que basicamente respondem à pergunta proposta pelo site, tornou-se comum no meio a utilização do espaço para a publicação de opiniões e links favoritos dos autores dos *posts*, fazendo também com que os usuários tenham a função de *gatewatchers*. De acordo com a definição de Primo e Trasel¹⁰, *gatewatching* seria o processo de seleção das notícias (ou conteúdo) presente na web, em função semelhante à de um bibliotecário. Essa função transformou o Twitter em importante fonte de informação em pautas importantes da mídia, como a cobertura das eleições norte-americanas de 2008, onde os candidatos Barack Obama e John McCain mantiveram seus perfis sempre atualizados e também durante as manifestações contra a reeleição do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, em junho de 2009, quando a censura impediu a divulgação de informações sobre os eventos, sendo o Twitter, a principal fonte de divulgação do movimento dos manifestantes¹¹.

As Escritas no Twitter

A democracia oferecida no ambiente do microblog é um atrativo e tanto para que haja essa abertura para escritas cotidianas. Como já foi citado, celebridades e anônimos “convivem” num mesmo espaço, uns seguindo os outros, e “observando” o que cada um

⁸ Do inglês Short Message Service. Tecnologia amplamente utilizada em telefonia celular para a transmissão de mensagens de texto curtas. Diferente do MMS (Multi Media Message), permite apenas dados do tipo texto e cada mensagem é limitada em 160 caracteres alfanuméricos. (Wikipedia, acessado em 09/04/2009)

⁹ Pessoa que utiliza o serviço, assim como internauta.

¹⁰ Retirado de [HTTP://www.ufrgs.br/limc](http://www.ufrgs.br/limc)

¹¹ Informações obtidas nas edições de 16, 17 e 18 de junho de 2009 na Folha Online, no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica>. Acesso em 18/06/09.

escreve sobre o que está fazendo no momento. Escritas totalmente pessoais, ou, no caso de entidades ou conglomerados midiáticos, com motivações pessoais para ocuparem o mesmo espaço. Essa é a proposta do site: pontuar em poucas palavras o entorno do diarista. Os vestígios também são datados o que oferece uma dimensão de tempo bem recortada.

No microblog, as escritas de diário não são mais “secretas”. Se antes o leitor desses vestígios era o próprio diarista, agora, no caso do Twitter, são os milhares de seguidores. Essa relação é bem explicada por Denise Schittine (2004). A autora diz que apesar do aspecto secreto dos diários de papel, o objetivo dos autores sempre foi ser lido, mas o perigo do julgamento dos leitores que porventura pudessem penetrar na intimidade do diarista tornava muito perigosa essa aventura da revelação dos escritos. Com a Internet e os blogs, o problema parece ter sido resolvido, já que o distanciamento entre o escritor e o leitor, torna-se evidente.

Esse desejo de ser lido, que foi durante muito tempo velado, se revela com a escrita íntima na internet. No entanto, é uma escrita íntima criada em novos termos, que não supõe um envolvimento pessoal com o público leitor, que vê o estranho como um aliado menos perigoso. A princípio existem dois tipos de público: o de próximos e o de desconhecidos. O diário íntimo é o “lugar” em que o autor pode mostrar sua faceta escondida ou outras tantas pouco desenvolvidas. (SCHITTINE, 2004 p.64)

A autora diz ainda que esse tipo de intimidade buscada pelos diaristas virtuais é uma “intimidade sob medida”, onde as confissões são feitas em rede, para desconhecidos e onde a aproximação só é feita onde aparecem as afinidades (Ibidem, p.64). A tela, nesse caso, funcionaria como uma película que separaria os mundos de autor e receptor e que funcionaria como uma espécie de proteção.

O computador permite uma ‘escrita terapêutica’, ou seja, o leitor recebe seus feedbacks, mas com uma certa distância e depois de um certo espaço de tempo. Então, vencida a timidez diante da tela em branco (que durante muito tempo foi a da folha em branco) e dos meios técnicos, que no computador são muito evidentes, descobrem-se os porquês da escolha de um diário eletrônico. (SCHITTINE, 2004 p.65)

Com a proliferação dos blogs (e dos usuários no Twitter), a disputa pelos seguidores se dá através da escrita e de seus recursos, tais como utilização de caracteres em maiúsculas e minúsculas, *winks*, a profusão de onomatopéias e a própria narrativa do blogueiro. Apesar de esses serem recursos que também ajudam a construir a escrita íntima dentro do espaço do microblog, as próprias alternativas do Twitter também podem dar pistas para a construção da

narrativa dentro de seu espaço virtual. Para uma maior percepção desse efeito, devemos olhar dentro das características do meio e observar quais os recursos que, aliados ao texto, ajudam na construção do ‘eu’ projetado através do Twitter.

Elementos do Meio e a Escrita do Eu

De acordo com Raquel Recuero, um dos elementos de construção de um blog no ciberespaço é a personalização. A autora diz ainda que estes blogs, por serem páginas pessoais, funcionam como “extensões da própria percepção de si dos blogueiros, quase como uma extensão de si, como diria McLuhan (1968) e possuem uma relação íntima com a própria idéia de si das pessoas” (RECUERO, 2004, pp.2-3).

A autora, no mesmo artigo, ainda lembra que “é preciso ser visto para existir no espaço dos fluxos” (Idem p.3) e, a partir dessa construção, o blog fica embuído da personalidade do autor. Nesse contexto, elementos como a descrição individual, uso da primeira pessoa, uso das fotografias e a assinatura nos posts são marcas freqüentes de que o blogueiro deseja que saibam que aquele espaço é seu.

Esses conceitos podem também ser aplicados aos microblogs, como o Twitter, onde a personalização está presente. E é nesses elementos da personalização que podemos perceber a manifestação da construção do ‘eu’ dentro do ciberespaço. E é na observação desses elementos em que vamos apoiar nossa análise.

A primeira característica é a que podemos chamar de uma variação da chamada *webring*. De acordo com Recuero, *webrings* são círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente e interagem nestes blogs através do sistema de comentários. Os blogs são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos posts entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos blogs (Recuero, 2003).

Neste caso, o *webring* é representado pela área que abriga os outros usuários os quais o blogueiro está seguindo. Esses usuários compõem a fonte de postagens que o blogueiro irá receber durante todos os dias, já que cada postagem colocada no espaço por cada um dos seguidos é postada na página inicial do blogueiro. Essa seleção das pessoas a serem seguidas demonstra as escolhas do usuário e o tipo de informação que ele deseja receber diariamente. Se o blog é uma representação do indivíduo no ciberespaço, essa escolha demonstra sim uma

característica da construção do ‘eu’ nesse espaço através da personalização dos seguidores, que estão associados ao indivíduo através da página inicial.

Outra característica é o pano de fundo personalizável da página inicial do usuário. A personalização, que inclusive pode ser uma foto do próprio indivíduo. O tema da foto mostra a preferência do usuário em relação a determinado assunto, como filmes, música, esportes ou até mesmo outros tipos de entretenimento. Ainda há a foto pessoal que representará o blogueiro nas outras *webrings* que ele irá aparecer.

Dentro do Twitter o usuário também deve ter um nome (nick). O nome, que pode ser fictício, identifica o usuário e ainda serve para que outras pessoas enviem mensagens diretamente para o usuário. O nome sempre aparece também como um hiperlink que serve de acesso para a página inicial do blogueiro. Na página inicial ainda podemos ver outros elementos importantes como a cidade de referência do usuário, o espaço para a colocação do endereço de seu site na web, que é uma importante fonte de personalização e ainda uma pequena descrição do tuiteiro realizada pelo próprio, que pode ser considerada como um fragmento de escrita íntima.

Considerações Finais

Seja através das autobiografias, dos diários, nas páginas de papel dos livros, ou na tela do computador, é, portanto, como “cães de caça” (expressão utilizada por Lejeune) que nós estabeleceremos contato com essas leituras, em busca desses vestígios, dessas memórias, no rastreamento da identidade do autor, nas diferentes perspectivas da realidade.

Além de estar se configurar como uma importante ferramenta de comunicação, o Twitter também tem importância na construção do ‘eu’ dentro do ciberespaço, onde, para existir, o indivíduo deve aparecer no espaço dos fluxos. Assim, ressaltamos a importância do estudo dessas características nas chamadas ‘novas mídias’, que são apontadas como as principais fontes de comunicação da atualidade. Nesse contexto, a autora Paula Sibilia lembra:

Nessa cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo o cobiçado troféu de ser visto. Cada vez mais é preciso aparecer para ser. Pois tudo aquilo que permanecer oculto, fora do campo da visibilidade – seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio – corre o triste risco de ser interceptado por olho algum. E, de acordo com a moral

da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se ninguém vê alguma coisa é bem provável que ela não exista. (SIBILIA, 2008, pp. 111-112)

Portanto, mais do que expressões individuais transmitidas através da escrita, a construção do eu no ciberespaço, que passa pela escrita íntima nesses espaços compartilhados, merece atenção como uma nova forma de expressão do eu e da representação dos indivíduos em plena era de comunicação através das redes telemáticas.

O assunto, ainda em processo de pesquisa, rende muitos outros questionamentos pertinentes a serem investigados e respondidos em outros momentos, pois o tema não se esgota neste trabalho que teve como objetivo apresentar uma leitura inicial sobre a questão. O artigo é pertinente a muitas outras abordagens e divagações.

Referências

CASTELS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Amor, 1999.

_____. **A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1996.

_____. **As Tecnologias da Inteligência – Inteligência-O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo. Editora 34, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: the extensions of Man**. New York: MCGrouw-Hill Book Company, 1964.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v.14, p.37-56, 2006.

RECUERO, Raquel. **Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs** - Artigo publicado na revista Sessões do Imaginário, da Famecos/PUCRS, edição 11, em 2004.

_____. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais** - Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de Comunicação, em Setembro de 2002. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/artigos.html>. Acesso em 04/04/2009.

Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica. Ecos Revista, Pelotas/RS, v.5, n.2, p. 109-126, 2001. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/artigos.html>. Acesso em 005/04/2009.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na Internet.** Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008.

ZAGO, Gabriela da Silva. **O Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos.** Disponível em <http://www.scribd.com/doc/5887184/O-Twitter-como-suporte-para-producao-e-difusao-de-conteudos-jornalisticos>. Acesso em 02.06.09.